

chista, patriarcal e heteronormativa, ou seja, uma sociedade em que não ser heterossexual é considerado um desvio e em que se oprimem mulheres, homossexuais, bissexuais, transexuais e etc”, continua ela.

Segundo Vivian, as pessoas que empregam tais estratégias linguísticas acreditam que essa estrutura social é responsável por desigualdades entre homens, mulheres e aqueles que, independentemente da realidade biológica, não se identificam subjetivamente como mulheres nem como homens (chamadas de pessoas “não-binárias”). “Essas desigualdades estariam manifestadas, entre outros âmbitos, na língua. Por isso, segundo as pessoas que militam por essas linguagens, abolir a marcação de gênero feminino ou masculino das palavras poderia ser uma forma de questionar tais disparidades sociais e mesmo a divisão biológica entre ‘homem’ e ‘mulher’”, disse.

Mas, se de um lado defensores da linguagem não-binária crêem que tais mudanças gramaticais podem desestabilizar as expectativas sobre os papéis sociais de homens e mulheres por meio dessa transgressão, de outro, há quem questione a utilidade prática da mudança.

“O que percebo é que os defensores das linguagens não-binárias acreditam numa ideia de transgressão individual. Se a língua, porém, não é algo indivi-

dual, mas coletivo, ela tende a expressar aquilo que está estruturado na nossa sociedade. Logo, as desigualdades sociais que vivenciamos dificilmente serão vencidas a partir da ação individual

de alguém que discorda de uma categorização de mundo entre ‘feminino’ e ‘masculino’”, ressaltou a pesquisadora. “Além disso, tais linguagens não dão conta de eliminar as diferenças entre homens e mulheres, pois, ao apagarem a marca de gênero gramatical das palavras,

elas apagam inclusive a referência a mulheres. Portanto, se a intenção é destacar discursivamente a ação feminina e questionar o machismo da sociedade, o uso do ‘@’ ou do ‘x’ como em ‘todxs’ não ajuda. Ao contrário, esse uso apaga o feminino tanto quanto o masculino genérico de ‘todos’ apagava”.

Para ela, a eficiência disso só é concretizada quando se quer fazer referência a pessoas não-binárias, algo que nem sempre é claro para todo o mundo que emprega essas estratégias de escrita.

#### **IMPRONUNCIÁVEL.**

Enquanto está em debate a dificuldade de transportar o conceito para a linguagem falada, a publicidade tem feito coro a esse novo modo de se expressar. A marca de cosméticos Natura apostou em “Faces é para todxs, o amor também”, na propaganda de uma linha de produtos; “Faça como os migxs. Faça”

está na propaganda dos preservativos Olla; a MTV criou neste ano a semana “Vale pra todxs” numa celebração ao orgulho LGBTQ+; e a marca de roupa Levis ganhou também neste ano o slogan “Juntxs com Orgulho”.

Na televisão, a HBO anunciou sua nova série original brasileira com o título “Todxs”. Na produção, a história de Rafa, jovem de 18 anos, pansexual e de gênero não-binário, que decide largar a vida e a família no interior e se mudar para a capital paulista. A série ficcional tratará ainda de questões como racismo e assédio.

“A HBO é reconhecida por abordar os mais diversos assuntos dentro de inúmeros gêneros. Em ‘Todxs’ discutiremos questões importantes da atualidade, com o objetivo de gerar ainda mais reflexão sobre as minorias”, afirmou em nota Roberto Rios, vice-presidente corporativo de Produções Originais da HBO Latin America.

De acordo com a pesquisadora da USP, no início professores e professoras acreditavam que essa forma de escrita se tratava de um modismo e se limitava às redes sociais. Mas, durante o seu estudo, percebeu que havia não só campanhas publicitárias fazendo uso do recurso, mas editais de concursos escritos em linguagem não binária e artigos científicos.

“Isso significa que, mesmo em ambientes linguísticos mais rígidos ou na língua empregada fora da internet, as estratégias de burlar a marca de gênero têm se popularizado. Mesmo assim, é impossível afirmar se a gramática

#### **EXTRA!**

Confira no site de **OVALE** como o VoiceOver (leitura de tela da Apple para iOS e macOS), o TalkBack (leitor de tela do Google para Android) e o NVDA (leitor de tela para Windows) lêem ambos termos



## **HBO anuncia ‘Todxs Nós’, sua nova série original brasileira**

A HBO anunciou a nova série original brasileira “Todxs Nós”. Nela, atriz Clara Gallo dá vida a protagonista Rafa, jovem de 18 anos, pansexual e de gênero não-binário, que decide deixar a vida e a família no interior e mudar-se para São Paulo. Criada por Vera Egito, Heitor Dhalia e Daniel Ribeiro, a série abordará ao longo de oito episódios de 30 minutos

temáticas LGBTQIA e questões como racismo e assédio. Além de Clara Gallo, o elenco contará também com Kelner Macêdo como o personagem Vini, Juliana Gerais no papel de Maia e Gilda Nomacce interpretando Inês, mãe de Vini. As filmagens da série terminam neste mês de novembro, em São Paulo.